

LINGUAGEM DO DESENHO COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA ENTRE 2 E 12 ANOS EM TRÊS INSTITUIÇÕES ESCOLARES DE CRICIÚMA/SC

DRAWING LANGUAGE AS COMMUNICATION INSTRUMENT FOR CHILD DEVELOPMENT BETWEEN 2 AND 12 YEARS OLD FROM THREE SCHOOLS IN CRICIÚMA/SC

Grasieli de Barros Rosso¹

Zélia Medeiros Silveira²

RESUMO: Este artigo tem como proposição compreender a importância do desenho infantil e seu potencial como instrumento de comunicação do desenvolvimento da criança entre 2 e 12 anos. Essa discussão foi realizada, tendo como base principal Luquet (1969), considerado pioneiro do estudo sobre o grafismo infantil e também outros autores como Derdyk (1989), Sans (2007) que discutem acerca do desenvolvimento do grafismo infantil. Para tanto, em seus procedimentos metodológicos, esta pesquisa, ocorreu por meio de pesquisa de campo e análise documental dos desenhos das crianças entre 2 e 12 anos de três instituições escolares de Criciúma/SC, sendo duas delas de Educação Infantil e uma de Ensino Fundamental. Os resultados apontaram que o desenho é um instrumento valioso de comunicação que nos permite perceber o desenvolvimento integral da criança. Portanto, à medida que há desenvolvimento do grafismo, expresso nas representações da criança, também há desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança.

PALAVRAS CHAVE: desenho – comunicação – grafismo infantil – desenvolvimento

ABSTRACT: This article aims to understand the importance of children's drawing and its potential as a communication tool for children's development between 2 and 12 years old. This discussion was carried out and is based on Luquet (1969), considered a pioneer in the study of children's graphics and also other authors such as Derdyk (1989), Sans (2007) who discuss the development of children's graphics. Therefore, in its methodological procedures, this research took place through field research the documentary analysis of the drawings of children between 2 and 12 years old from three schools in Criciúma/SC, two of them in Early Childhood Education and one in Elementary School. The results showed that the drawing is a valuable instrument of communication that allows us to perceive the integral development of the child.

¹ Graduada do curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.
grasielirosso@gmail.com

² Doutoranda em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. zms@unesc.net
Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 7, nº1, janeiro/junho 2023.– Curso de Pedagogia– UNESC

This way, as there is a development of graphics, expressed in the child's representations, there is also a cognitive, emotional and social development of the child.

KEYWORDS: drawing - communication - children's graphics – development

1 INTRODUÇÃO

O desenho está além da simples manifestação corriqueira da criança. Por isso, Campos (2000) afirma que o desenho é considerado uma maneira da criança expressar, comunicar sua percepção e vivência do mundo. Assim, ela projeta no desenho o que acontece no contexto ao qual se insere a partir de suas experiências e interação com o meio.

A necessidade de comunicação apresenta-se como inerente à condição humana, é marcada pela troca de experiências durante suas relações expressas nos diferentes meios. Devido a esta necessidade, o ser humano desenvolve meios de expressões, tais como: verbal, plástico, musical e corporal (SANS, 2007). Nesse sentido, o desenho aparece na história da humanidade, desde os primórdios, como uma forma de expressão e comunicação.

O ato de desenhar merece uma atenção especial. Pois, além de ser uma marca registrada na história da humanidade, está presente na criança desde muito cedo como elemento intrinsecamente ligado ao processo do desenvolvimento do indivíduo, assim como afirma Derdyk (1989, p. 46), “o desenho é exercício da inteligência humana”. E seu aprimoramento está ligado ao nível de compreensão do mundo real pela criança. Portanto, está ligado ao seu nível de desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Ademais, pela experiência desta acadêmica na escola, como auxiliar de sala da educação infantil e fundamental, atividade exercida desde 2015, foi possível perceber que o ato de desenhar é utilizado pelos professores como uma atividade de lazer, e ou para complementar uma atividade, sem considerar todas as possibilidades que este oferece. Diante disso, surgiu como problemática a seguinte questão: Qual a importância do desenho infantil como instrumento de comunicação do desenvolvimento da criança entre 2 e 12 anos? Por essa razão, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender a importância do desenho infantil e seu potencial como instrumento de comunicação do desenvolvimento da criança entre 2 e 12 anos a partir de autores que discutem acerca do desenvolvimento do grafismo infantil.

No que tange aos objetivos específicos, este estudo visa: Identificar as fases de representação do desenho segundo Luquet (1969); Evidenciar a importância do desenho como forma de comunicação. Em proposição ao alcance destes objetivos, este trabalho desenvolveu-se por meio de uma pesquisa de campo, utilizando como instrumento a coleta de dados e análise documental realizada a partir de desenhos de crianças na faixa etária já citada, os quais serão analisados a partir de autores que discutem a importância do desenho e as fases de desenvolvimento do grafismo na criança.

Enfim, esta pesquisa tem a pretensão de compreender o desenho da criança como um instrumento de comunicação de seu desenvolvimento.

2 LINGUAGEM DO DESENHO: POSSIBILIDADE DE COMUNICAÇÃO DA CRIANÇA

A linguagem do desenho tem se mostrado como um meio de comunicação vigente desde o tempo dos primórdios, isto é visível através dos desenhos encontrados nas paredes de cavernas por historiadores. O ato de desenhar em pedras, no chão e nas paredes das cavernas era comum e manifestava muitas vezes o cotidiano do homem primitivo, suas vivências, histórias e lendas. E foi por meio destes desenhos que se tornou possível a descoberta das civilizações antigas, e conhecer parte de suas histórias e de seu desenvolvimento.

Na construção da sua história o ser humano utiliza o desenho para comunicar, expressar, o que na ausência da fala, se passa dentro de sua mente. Em consideração a isso, Di Leo (1985) afirma que o desenho melhor do que a fala é uma forma de expressão do cognitivo e do afeto. Da mesma forma, para Derdyk (1989), o desenho em si é caracterizado como um meio de expressar, exprimir, projetar uma ideia, e é capaz de alcançar a todos, uma vez que ele é uma linguagem perceptível e acessível. É desta forma que para a criança o desenho se torna uma importante ferramenta de expressão do pensamento.

Contudo, o desenho infantil nem sempre foi valorizado socialmente, visto que a figura da criança não tinha muita importância na sociedade medieval, sociedade esta voltada para o trabalho. De acordo com os estudos de Ariés (1981), o conceito de criança está intimamente ligado ao de infância e acima de tudo ao de sociedade. Desse modo, na Idade

Média³ a criança era vista como um adulto em miniatura, visto que possuía vestimentas e representações pictográficas iguais a de um adulto. Não se compreendia o universo infantil como diferenciado do universo adulto. Com o advento da escolarização na Idade Moderna⁴, houve a separação entre crianças e adultos, surgindo a partir deste momento um novo olhar sobre a criança e assim ela deveria receber a educação necessária para conviver em sociedade. A compreensão de que a infância é um período diferenciado da condição humana surge na Idade Contemporânea⁵ a partir do final do século XIX. Nesse período, a criança passa a ser entendida como um ser com características próprias e com uma condição individual (SANS, 2007).

Com a mudança no pensamento sobre a criança, o desenho passa a ser alvo de discussão por parte dos estudiosos. Diante disso, há uma percepção da importância para o desenvolvimento dela. Assim, para elucidar o processo do ato de desenhar é preciso distingui-lo em duas condições: o desenho para a criança e o desenho para o adulto.

O ato de desenhar para o adulto, segundo Sans (2007, p. 41) “divide-se em dois segmentos: o perceptivo - que capta as coisas como são, com todos os detalhes – e o expressivo que projeta o significado de suas criações.”.

O adulto, portanto, é capaz de distinguir o real do abstrato, da fantasia no desenho, enquanto a criança apresenta um potencial criador e conservador. Ela não se prende a detalhes da figura do real, apenas desenha introduzindo o que sente em relação ao objeto e ao ambiente. Para Sans (2007), a criança projeta os sentimentos presentes em si durante o momento ao qual desenha, o que difere da pessoa adulta, pois esta não dispõe de tal sensibilidade. Sendo por vezes incapaz de se envolver da mesma forma que a criança no ato de desenhar.

Derdyk (1989, p. 51), diz que:

³ Período histórico com início do século V e se estendeu até meados do XV. Conhecido como Idade das Trevas, este período é marcado pela intensa participação da Igreja na sociedade e na vida dos indivíduos, sociedade voltada para o trabalho, sistema econômico do feudalismo. A Igreja era mentora da educação neste período, com ensinamentos sobre gramática, música, aritmética, etc. Não havia espaço para a “criança” neste cenário, e sim para o adulto que ela tem que ser. (SILVA, 2022).

⁴ Período histórico que iniciou no final do século XV com o fim do Império Bizantino e a tomada de Constantinopla e se estendeu até o século XVIII tendo a Revolução Francesa como seu marco final. Este período ficou marcado por intensas transformações econômicas, sociais e políticas em que há a separação da Igreja e do Estado surgindo então o papel bem definido da família e da escola. (PINTO, 2022).

⁵ Período histórico que iniciou entre a Revolução Francesa (XVIII) e queda da Bastilha e se estende até os dias atuais. Marcado por intensas transformações de ordem social e econômica com a ascensão do capitalismo, avanços na medicina, e novas tecnologias e mudança na visão do homem, educação para a cidadania e desenvolvimento completo do indivíduo. (PINTO, 2022).

O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar. [...] Existe uma vontade de representação como também existe uma necessidade de trazer à tona desejos interiores, comunicados, impulsos, emoções e sentimentos. [...] O desenho manifesta o desejo da representação, mas também o desenho, antes de mais nada, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial.

Como é possível perceber na citação acima, a criança tem uma relação direta com seu desenho e é por meio deste que ela projeta seu sentimento, pensamento, aquilo que está no seu imaginário, no seu emocional. Para a criança o seu desenho é um espaço de representação, em que ela constrói significados, percebe erros e busca acertá-los, percebe acertos e semelhanças e busca aperfeiçoá-los, usa da imitação, até que o que se quer representar agrade a si. Durante estes processos é comum que a criança rasgue seu desenho, ou ainda fique muito satisfeita e afirme que conseguiu representar o objeto de seu desejo.

Em suma, o desenho é uma extensão particular de formas concebidas, sentidas e vivenciadas e demonstra a relação com os processos de desenvolvimento maturacional cognitivo, emocional, físico e psíquico. Sendo assim, a criança demonstra por meio de seu desenho a relação e a percepção que ela estabelece com seu entorno. Permitindo-nos perceber o seu desenvolvimento diante dos diferentes processos que ela vivencia. Desta forma, para poder compreender como se dá o desenvolvimento do grafismo infantil é necessário compreender suas fases, princípio dos estudos de Luquet (1969). Este é considerado um pioneiro do tema e também é base para outros autores contemporâneos que discutem acerca da evolução do desenho. Posto isso, dada a importância de seus estudos sobre as fases do desenho infantil, o texto que segue pretende discorrer sobre estas juntamente com contribuições de demais autores.

3 PROCESSO DE EVOLUÇÃO DO DESENHO INFANTIL

Estudos realizados por Luquet (1969) marcam o início do aprofundamento de um tema de grande interesse na atualidade: o desenho infantil. Estes estudos revelam que as crianças passam por fases de representação gráfica que evidenciam seu desenvolvimento. Tais fases, divididas pelo autor em Realismo Fortuito, Realismo Falhado, Realismo Intelectual e

Realismo Visual, são consideradas realistas do princípio ao fim. Deste modo, ele acredita que a criança tem uma tendência natural de representação que independe da cultura. Diante disso, ainda que dividida em fases de representação gráfica, cada criança apresenta um ritmo próprio de desenvolvimento, sendo que é possível perceber pelos traços particulares a qual fase pertence, mesmo que apresentem idades distintas. Concordando com Luquet (1969), Derdyk (1989), diz que o desenvolvimento destas fases se envolve diretamente com o nível de amadurecimento dos esquemas neurológicos, físicos, perceptivos e mental da criança.

Luquet (1969) identifica a fase inicial do desenho como “Realismo Fortuito”, acidental ou casual, e esta aparece desde muito cedo e evolui à medida que a criança avança em idade. Esta fase se caracteriza por dois momentos: desenho involuntário e voluntário. O autor não evidencia idades específicas para esta fase, diz apenas que ela começa desde muito cedo na criança, porém essas são apresentadas por Sans (2007), outro estudioso do desenho infantil. Sobre isso, Sans (2007), diz que entre um e dois anos é possível perceber os primeiros rabiscos, que são linhas simples e curtas, fechadas e horizontais. Ambos os autores identificam que o desenho traçado não tem intuito de obter uma imagem e sim para traçar simplesmente linhas. É um exercício neuromuscular da criança, ela ainda não percebe em suas linhas a representação de um objeto, o que caracteriza o desenho involuntário.

Ainda de acordo em média dos dois aos três anos a criança consegue um controle do tônus muscular, mesmo que pouco, e passa a rabiscar com movimento de vaivém. Já aos três anos a criança com um controle maior de seu tônus desenha em movimentos circulares que se assemelham muito com a escrita. Estes primeiros desenhos são de maneira esporádica e aos poucos vão se tornando intencionais. Percebe-se então o período de transição entre o desenho involuntário para o voluntário. Vale ressaltar que neste período é comum que em um mesmo desenho apareçam traços de ambos.

Gradativamente a criança desenvolve seu corpo e o controle visual, com isso seus traços passam a ser simples, mas em forma de zig-zag, curva e são repetitivos. Estes traços repetitivos permitem a ela observar as semelhanças, de seus traços acidentais, que embora sem significado por ora, passam a representar algo para ela à medida que percebe a representação do objeto desenhado com o objeto real. Ou seja, a criança percebe a semelhança entre o objeto e seu desenho, assim passa a complementá-lo com outras características deixando-o mais

parecido com o real. Para Derdyk (1989, p. 57), “está implícita aí uma atividade mental, na medida em que a criança associa, relaciona, subtrai ou adiciona [...]”. O que demonstra claramente a atividade de pensamento e assim o desenho deixa de ser totalmente involuntário e passa a ser voluntário ou premeditado, pois a criança manifesta sua intenção de representar as semelhanças.

Complementando essa discussão, Sans (2007), considera que é nesta etapa que os adultos devem ter maior cuidado em observar o desenho da criança, pois os desenhos deles devem ser valorizados para que não ocorram fraturas na autoconfiança necessária para as próximas etapas. Assim, ainda nesta etapa os pequenos círculos tomam maior proporção que dará início ao desenho da figura humana, ponto importante que permite perceber a transição para próxima fase a qual Luquet (1969) identifica como “Realismo Falhado ou Incapacidade Sintética”.

A fase do Realismo Falhado, de acordo com Luquet (1969) é marcada pela intenção realista ou atenção aos detalhes que a criança tem para com seu desenho. Ela tende a ser o mais realista possível, porém há alguns limites não percebidos por ela que impossibilitam a representação real, tais como o controle físico do ato de desenhar, pois não tem domínio ainda dos seus movimentos gráficos. Neste ponto, a criança faz desenhos sem colocar tudo o que percebe, e o executa em certa ordem e a medida que ela tenta controlar seu movimento gráfico escapa-lhe os detalhes todos a serem representados. Nesse contexto, Mèredieu (2017) acrescenta que esta fase começa geralmente entre 3 e 4 anos de idade e representa a descoberta da identidade forma-objeto.

Nesta fase, a criança representa muito mais do que uma figura humana, ela representa ambientes com casas, árvores, pessoas e afins, o que reflete a estrutura física e mental da criança. O espaço usado para representar é ordenado, mas aparecem ainda aspectos impossíveis de serem vistos como o tamanho desproporcional entre um objeto e a pessoa.

Da mesma forma que Luquet (1969), Sans (2007), afirma que a criança realiza seus desenhos baseando-se em suas experiências, coloca neles uma carga afetiva fazendo com que esteja sempre presente o seu lado emocional sobre o que é real. Assim, ela desenha o que domina e habita seu interior, usa e abusa das cores que gosta e que nem sempre correspondem ao real. Na medida em que se desenvolve, a criança começa a perceber a disparidade nas

proporções dos objetos representados, que é produto do seu amadurecimento cognitivo. Bem como para o autor esse desenvolvimento está expresso em seu desenho e mostra o estágio emocional e perceptivo que a criança tem das coisas. Luquet (1969) aponta também que a criança não consegue de imediato romper a incapacidade sintética, assim vai aos poucos começar a representar sem deixar os detalhes lhe escaparem, pois ela agora está em plena transição, adentrando a fase do “Realismo Intelectual”.

O desejo de reproduzir e dar forma aos objetos é o marco de passagem para o universo do “Realismo Intelectual”. Diferentemente do adulto que representa seu desenho em perspectiva, a criança, como especifica Luquet (1969), desenha todos os elementos que conhece sobre o objeto, o que lhe é concreto e invisível aos olhos do ângulo que se vê. Ela é capaz de representar o espaço perceptível por ela e conexão entre os elementos desenhados. Há uma justaposição entre os elementos no seu desenho, ou seja, há uma continuidade, uma relação. Para por tudo isso em prática nesta fase estão presentes alguns processos utilizados pela criança durante o ato de desenhar, tais como: descontinuidade, transparência, planificação, rebatimento e mudança de ponto de vista.

A descontinuidade é representada no destaque em que a criança dá para um ou outro detalhe do objeto que ela anseia desenhar, ou até mesmo em ocultar. Os desenhos podem aparecer soltos, sem apoios (ex: sem linha que represente o chão). Já o processo da transparência consiste, segundo Luquet (1969, p. 166-167) em, “por em evidência os elementos invisíveis de um objeto [...], representação desses elementos como se aqueles que os ocultam, tornados transparentes, permitem vê-los.”. Neste processo é comum perceber esse elemento nos desenhos em que as crianças mostram pessoas dentro de casa, ignorando as paredes que deveriam ocultar o que está do lado de dentro.

O processo de planificação consiste em demonstrar um objeto em projeção plana mostrando suas diferentes faces. No que se refere ao rebatimento, conceito que pode estar atrelado com a planificação, o processo visa evidenciar os suportes dos objetos, tais como as quatro patas de um cavalo, os quatro pés de uma cadeira sem que estes estejam de forma planificada, objetos são rebatidos sobre o chão. Mèredieu (2017, p. 43) chama este mesmo processo de plano deitado em que “os objetos não são representados em perspectiva, mas deitados em torno de um ponto ou eixo central”, por exemplo, as árvores de cada lado da estrada

que é vista de cima. E por fim, a mudança do ponto de vista em que a criança se utiliza de vários processos para evidenciar melhor o objeto em seu desenho.

Dentre todos estes processos que a criança se utiliza, na fase do Realismo Intelectual, há construções importantes para que ela evolua à próxima fase. É nela que a criança inicia a noção de relações projetivas (perspectiva) e euclidianas (distância e proporção), usadas para representar o espaço. Há uma preocupação em representar em perspectiva, dentro de uma única visão, respeitando os planos, a profundidade, posição, proporção e distâncias entre objetos. Para Derdyk (1989) o caos que antes, dentre as fases, habitava na criança dá lugar a necessidade de ordenar, surgem às formas básicas que evoluem para a representação realista do objeto e que dará lugar a formas mais coordenadas. Por volta de seis e sete anos a criança começa a observar melhor o seu entorno e descobre noções de medida, grandeza e deslocamento.

Em média, segundo Sans (2007) por volta dos 10 anos a criança é capaz de relacionar a profundidade com os objetos, procura representar o que vê assim como o adulto, mas nem sempre sai conforme o esperado. Mèredieu (2017) aponta para uma idade mais tardia, por volta dos 12 anos, porém não descarta a possibilidade de acontecer antes, entre 8 e 9 anos. Esta fase é identificada por Luquet (1969) como “Realismo Visual” em que a criança que antes usava a imaginação como elemento principal para reinventar os processos, por conta da maturidade cognitiva e habilidade motora, ela agora pensa logicamente sobre o objeto e representa da perspectiva que o vê, tornando-se mais realista. Utiliza-se de cores mais convencionais referentes ao objeto real, os detalhes não mais passam despercebidos pela criança. Neste momento sua representação gráfica se assemelha a de um adulto.

Como é possível perceber a fase do Realismo Visual é marcada pelo desaparecimento, ainda que gradativamente dos processos antes utilizados pela criança, a transparência dará lugar a opacidade, representa o que se pode ver realmente e não que deveria estar escondido, bem como o ponto de vista e o rebatimento serão substituídos pela perspectiva. Cabe evidenciar que nenhuma das fases anula totalmente a anterior, e por permear momentos de transição podem ocorrer ocasionalmente desenhos com elementos da fase anterior durante a nova fase.

Luquet (1969) conclui que o desenho infantil está dividido em fases e que estas não

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 7, n°1, janeiro/junho 2023.– Curso de Pedagogia– UNESC

são rígidas em relação às idades correspondentes, pois se compreende que cada indivíduo é único e obedece ao seu tempo de desenvolvimento maturacional. Acrescido a ele, Derdyk (1989) diz que o desenvolvimento gráfico da criança se dá à medida que lhe oferecem possibilidades de experimentar, desde a mais tenra idade, a criar, se divertir e interagir com o outro. Esse conjunto viabiliza o avanço de uma fase para a outra. Cabe ressaltar que diante destas fases, o desenho da criança é um misto de demonstração cognitiva e emocional. E assim, visto que o desenho é uma forma expressiva muito significativa na criança, faz-se necessário um estudo para poder compreender o desenho como instrumento de comunicação do desenvolvimento da criança.

4 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A presente pesquisa buscou identificar o que a criança manifesta no desenho, e compreendê-lo como um instrumento de comunicação do desenvolvimento dela, visto que o desenho segundo Sans (2007) é uma ação com função de expressar e representar algo e para esta atividade são necessários uso de funções motoras, cognitivas e emocionais.

Por essas razões, esta pesquisa, com base em seus objetivos, é considerada exploratória e descritiva, pois segundo Gil (2008, p. 41), a pesquisa exploratória tem como objetivo “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.” Já a pesquisa descritiva tem por objetivo descrever certas características de fenômenos e fornecer uma nova visão do problema em questão tornando-a próxima da pesquisa exploratória.

Quanto à abordagem do problema, a pesquisa caracterizou-se como qualitativa, pois teve a intenção de compreender a importância do desenho infantil e seu potencial como instrumento de comunicação do desenvolvimento da criança entre 2 e 12 anos. Para Oliveira (2007, p. 37), “A pesquisa qualitativa tem um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação.”. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva buscou-se observar, coletar e analisar os dados recolhidos com ênfase na análise documental, no caso o desenho da criança.

A pesquisa foi realizada com crianças entre 2 e 12 anos de idade, utilizando-se como instrumento a coleta de dados e desenhos seguidos de sua análise documental. Foi necessário buscar alguns dados junto às professoras para a identificação das idades das crianças. Optou-se por usar nomes fictícios para preservar a identidade das crianças pesquisadas. Os desenhos foram analisados com base nas fases de evolução do grafismo indicadas por Luquet e que foram abordados no referencial teórico deste texto.

Para a realização da pesquisa de campo entrei em contato com três escolas: duas escolas de Educação Infantil (creche e pré-escola) e uma de Ensino Fundamental solicitando aos gestores permissão para a coleta de desenhos das crianças. Após autorização e assinatura de TCE, solicitei que cada professora indicasse duas crianças de sua turma que pudessem participar deste estudo.

Durante o processo de coleta de dados e desenhos com as crianças, após as apresentações iniciais, entreguei para cada uma delas uma folha A5, ofereci caneta hidrocor (várias cores), lápis de cor, lápis de escrever, giz de cera, ficando ao seu critério a escolha do material durante o ato de desenhar. Para as crianças menores (2 e 3 anos) ofereci o giz de cera ao invés de lápis de cor por ser melhor seu manuseio nesta faixa etária. Optou-se pela retirada das crianças de suas salas, sempre em dupla, para que não houvesse interferências de outros estímulos do ambiente, também para que se pudesse acompanhar o processo e registrar suas falas. Durante todo o processo de coleta, as professoras auxiliares das escolas de Educação Infantil permaneceram junto às crianças fazendo a mediação delas com esta pesquisadora. Isso foi um pedido meu, pois elas eram pequenas e também por conta de não ter tanta intimidade com estas crianças.

Vale destacar que, no processo de construção do desenho solicitei às crianças que desenhassem uma paisagem que deveria conter casa, pessoas, árvores, sol, nuvens ou qualquer outro elemento que desejasse acrescentar. A solicitação se deu ao fato de que para melhor análise documental estes elementos oferecem um padrão e bons indicadores do desenvolvimento da criança. Mas também porque segundo Derdyk (1989), estes elementos fazem parte do repertório do grafismo infantil. Pedi às crianças que comentassem sobre seus desenhos, sobre os elementos que colocaram. Porém nem todas comentaram de início, foi preciso perguntar a elas “*o que você está desenhando agora?*” e algumas outras perguntas

casuais para que se motivasse a falar. Estas perguntas foram necessárias para poder entender o que a criança tinha em mente, o que tinha como intenção durante o ato de desenhar e relacionar com o desenho durante a análise.

Para dar continuidade a análise e melhor visualização da identificação das crianças, apresento o quadro que segue:

Quadro 1 – Identificação das crianças e idade

Nome fictício	Idade	Modalidade Escolar
Joaquim	2 anos	Creche – EI
Helen	3 anos e 3 meses	Creche – EI
Antony	4 anos e 3 meses	Creche – EI
Sara	4 anos e 6 meses	Creche – EI
Edgar	5 anos e 2 meses	Pré-escola – EI
Alice	5 anos e 4 meses	Pré-escola – EI
Valentina	6 anos 1 mês	Pré-escola – EI
Helena	7 anos e 2 meses	Anos Iniciais – EF
Nicolas	9 anos e 6 meses	Anos Iniciais – EF
Maria	11 anos e 7 meses	Anos Finais – EF
Pedro	12 anos	Anos Finais – EF

Fonte: Autora, 2022.

Após a identificação das crianças busco agora mostrar o processo em que foram coletados alguns desenhos tendo em vista a média de idade pertencente a cada fase do grafismo infantil. Vale ressaltar que Luquet (1969) não evidencia em seu livro a faixa etária exata que compõe cada fase. Ele cita no decorrer de seu livro idades aproximadas em que as fases se desenvolvem. Já outros autores contemporâneos, como Sans (2007) e Mèredieu (2017) colocam idades em que tais fases ocorrem. Então para melhor compreender delimitaremos a média para cada fase: Realismo Fortuito inicia por volta dos 2 anos, Realismo Fracassado entre 3 e 4 anos, Realismo Intelectual dos 4 aos 10-12 anos, Realismo Visual após os 12 anos. Ainda que delimitadas as idades, para Luquet (1969) estas idades e suas fases não são rígidas como veremos a seguir no decorrer desta análise.

Apresento o desenho de duas crianças ambas na faixa etária de 2 a 3 anos e neles podemos perceber evidências que a fase do Realismo Fortuito se mostra como descrita por Luquet (1969):



Figura 1 – Joaquim (2 anos)



Figura 2 – Helen (3 anos e 3 meses)

Na Figura 1, Joaquim inicia o desenho de maneira tímida, não faz nenhum comentário durante o ato de desenhar, mesmo quando é questionado. Aos poucos, vai percorrendo o espaço da folha, de início com giz de cera alternando com as canetinhas, chegou a ultrapassar o limite da folha para a mesa em determinado momento. Percebe-se que seu traçado é uma forma de resposta neuromuscular pelo simples prazer de rabiscar. Assim, a Figura 1 evidencia, segundo Luquet (1969, p. 136) que “o desenho não é um traçado executado para fazer uma imagem, mas um traçado executado para fazer simples linhas”. Caracterizando a forma de um desenho involuntário.

Já o desenho de Helen, a Figura 2 demonstra um maior controle muscular, perceptível pelo traçado em que ela apresenta traços em forma zig-zag, de vaivém, são repetitivos por todo o espaço da folha e também aparecem tentativas de círculos. Ao ser questionada sobre o seu desenho ela nomeia todas as cores, aponta e diz “aqui árvores”. Deixa claro que quer representar, interpretar, nomeia seu desenho, mas apesar de ter um certo controle do tônus muscular a imagem não está próxima do real. Sendo assim, o desenho dela representa um indício de transição do desenho involuntário para o voluntário.

A seguir, estão as Figuras 3 e 4 que mostram características do Realismo Falhado.



Figura 3 – Antony (4 anos e 3 meses)

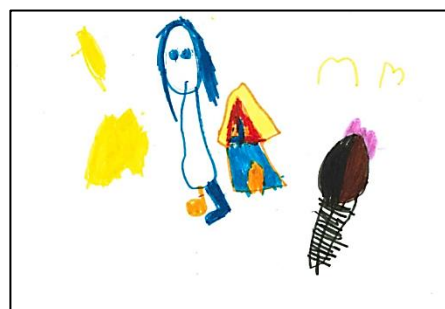


Figura 4 – Sara (4 anos e 6 meses)

O momento da transição de uma fase para a outra não está bem definida por Luquet (1969) em seu estudo teórico, porém o autor diz que a medida que a criança avança em idade percebemos elementos pertencentes à fase anterior e elementos de uma nova fase. Podemos então dizer que a Figura 3 tem um misto de elementos, representando para essa pesquisadora um momento de transição quando comparado a Figura 4. Contudo, podemos relacionar ambas pertencentes a fase do Realismo Falhado ou fase da Incapacidade Sintética.

Percebe-se na Figura 3, a figura humana desenhada em vermelho próximo ao canto superior esquerdo, ela representa a mãe de Antony, conforme ele próprio anuncia “*minha mãe é essa aqui, óh!*”. Está longe da representação real, é uma figura que está saindo da fase embrionária, a perna sai da cabeça. Ao lado da “mãe” estão duas casas (centro superior), também em vermelho. Ambas, casa e a mãe, tem tamanhos parecidos, apresenta uma desproporção bem característico da Fase do Realismo Falhado. Todos os outros elementos, como árvores em verde, vermelho e preto, laranja (fruta) na cor laranja, sorvete em rosa com calda verde encontram-se espalhados pela folha, um ao lado do outro sem um ponto de referência como o chão.

No desenho da Figura 4, Sara também representa sem apoio (chão) uma figura humana um pouco mais elaborada, mas à medida que tenta o controle físico no ato de desenhar deixa escapar os detalhes, omite ou não representa os braços, o nariz e a boca. Ao lado da figura humana, ela, assim como Antony, representa a casa em tamanho desproporcional. Em seu desenho aparece um sol no canto superior esquerdo e também um sorvete no canto inferior direito, bem como pássaros no canto superior direito.

Diante da descrição das Figuras 3 e 4, entende-se que todos os elementos deveriam formar um conjunto, contudo eles são desenhados um de cada vez como se fossem isolados, não se conectam. Ambas as crianças tem dificuldade em organizar o espaço, colocam os elementos sugeridos, mas estes não se relacionam entre si. Esta dificuldade em organizar as formas dentro do espaço é um dos pormenores que caracterizam a incapacidade sintética, presente na fase do Realismo Falhado, mas que pode também ser vista durante a transição para a fase posterior.

Como já mencionado no referencial deste texto, o desejo de reproduzir e dar forma ao objeto marca o Realismo Intelectual. Nesse sentido, a criança desenha o que conhece sobre

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 7, nº1, janeiro/junho 2023.– Curso de Pedagogia– UNESC

o objeto (LUQUET, 1969). E para poder elucidar esta fase é importante ressaltar os processos vivenciados pelas crianças e que estão expressos nas figuras a seguir:



Figura 5 – Alice (5 anos e 4 meses)



Figura 6 – Edgar (5 anos e 2 meses)

A Figura 5 nos mostra um dos processos que a criança se utiliza durante o ato de desenhar: a transparência, presente no desenho do chão, em que Alice desenha a terra debaixo da grama e sua fala “*embaixo da grama tem terra*” confirma o pressuposto de que a criança torna transparente o que lhe oculta, possibilitando que o outro veja. Confirma ainda que ela desenha o que sabe, o que conhece sobre o objeto de representação. Evoca assim a atividade de memória e pensamento ao executar o desenho, deixando evidente seu desenvolvimento cognitivo. Ao mesmo tempo, ela não representa com transparência a pessoa (em vermelho) dentro de casa (em vermelho) que pode ser vista pela janela (em amarelo). Sua representação é bem elaborada e ordenada formando um conjunto que se relaciona, com certa proporção. Assim como pode ser percebido também na Figura 6.

Inicialmente, a Figura 6 pode parecer conter um elemento desproporcional quando analisamos a árvore e a casa. Porém, a fala de Edgar proporciona outro olhar quando ele diz “*esta é uma árvore pequena perto da minha casa*”. Sua fala nos mostra uma carga afetiva e também a evocação da memória, quando ao desenhar faz referência a sua casa e a elementos do seu cotidiano. Neste sentido, Sans (2007), diz que é no seu desenho que ela mostra suas experiências e nele coloca sua carga afetiva que por sua vez faz com que o emocional supere o que é real.



Figura 7 – Valentina (6 anos e 1 mês)

Ao analisar a Figura 7, o desenho de Valentina contém muitas informações que juntamente com sua fala colabora para entender o que a criança pensa quando desenha, como elabora seu desenho. Ela desenha um prédio, e após ser indagada pela professora auxiliar com a seguinte pergunta “*esta é uma casa?*”, ela responde “*nós moramos no prédio, essa é minha casa*”, percebe-se a referência que ela tem de casa, não uma casa comum, mas sim o que representa a palavra para ela. Casa é o lugar onde ela mora com sua família, lugar de afetividade. Ao fazer esta referência demonstra seu desenvolvimento emocional.

Como já evidenciado anteriormente por Luquet (1969), as crianças passam por processos durante a fase do Realismo Intelectual e pode-se perceber ao observar a Figura 7 o processo de planificação no desenho do prédio. Nele há a representação plana do objeto, e ao desenhar desta forma compreende-se que Valentina não está desenhando o que necessariamente vê, mas o que sabe sobre o prédio. Ela sabe que seu prédio tem outras faces e como ainda não consegue representar em perspectiva, torna-o plano. Em seu desenho aparece muitos outros elementos que ela coloca para enfeitar. As estrelas foram colocadas junto num ambiente que parece dia (pela presença do sol), ao ser questionada sobre, ela diz que gosta de estrelas, por isso elas estão presentes em seu desenho. Há também letras, que foram colocadas segundo ela porque aparecem em vídeos e na sala da escola onde ela passa maior parte do dia. As imagens resgatadas da memória permitem a ela segundo Derdyk (1989) fazer associações formando um novo repertório, projeta ideias demonstrando como observa o mundo ao seu entorno. Tudo isso é fruto de seu desenvolvimento cognitivo.

Adiante, nas Figuras 8 e 9 podemos perceber porque os autores entendem que as idades pertencentes às fases não são rígidas.



Figura 8 – Helena (7 anos e 2 meses)



Figura 9 – Nicolas (9 anos e 2 meses)

As Figuras 8 e 9 representam uma evolução propriamente dita do grafismo infantil. Cada desenho apresenta características que mostram essa evolução tanto do grafismo como do desenvolvimento da criança. É possível perceber características que permeiam no Realismo Intelectual se encaminhando para o Realismo Visual a medida que compõem seus desenhos com noções projetivas e euclidianas.

O desenho de Helena (Figura 8), uma criança bem comunicativa, tem características do Realismo Intelectual como o rebatimento (LUQUET, 1969) ou plano deitado (MÈREDIEU, 2017), na representação do lago e da horta vistos de cima, porém os patos e as cenouras estão deitados. Ainda sobre as cenouras, elas estão a mostra por inteiro caracterizando a transparência. Ela demonstra aquisição da escrita quando desenha os balões de fala das pessoas representadas em seu desenho.

Outro ponto interessante é que Helena representou o chão e três árvores mais ao fundo, e ao fazer isso ela fala, numa espécie de narrativa, que *“estas árvores estão lá no fundo, é importante fazer o chão porque se não as pessoas vão pensar que as coisas estão voando”*. Seu pensamento está ligado a uma imagem real já assimilada e sua representação ainda não saiu conforme o esperado, comprovado mediante sua fala de que *“era pra ficar melhor, mas acho que pode ficar assim. É tá bom!”*. Ao apontar seus “erros”, Helena mostra um amadurecimento cognitivo. E que em representações futuras buscará aperfeiçoá-los.

À medida que a criança avança em idade, os processos antes utilizados vão desaparecendo pouco a pouco. Na Figura 9 não há presença de nenhum dos processos do Realismo Intelectual. Nota-se que na representação de Nicolas ele desenha diferentes planos, usa profundidade, proporção entre os elementos. Os elementos estão dispostos de maneira que contam uma história sem mesmo ter uma narrativa. Nicolas tem noção projetiva e euclidiana e

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 7, n°1, janeiro/junho 2023.– Curso de Pedagogia– UNESC

apesar de ter apenas 9 anos ele está adentrando na fase do Realismo Visual. O que comprova a ideia de autores contemporâneos como Sans (2007) e Mèredieu (2017) em relação às idades que as fases acontecem, e novamente a premissa de Luquet (1969) quando diz que as idades não são rígidas em relação às fases.



Figura 10 – Maria (11 anos e 7 meses)

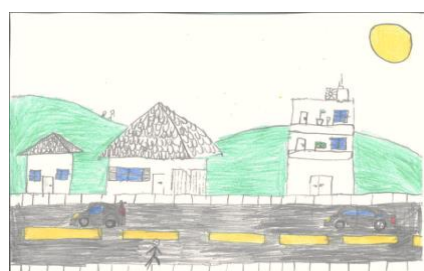


Figura 11 – Pedro (12 anos)

O desenho de Maria (Figura 10) também apresenta características do Realismo Visual, isso devido a sobreposição que ela faz com os elementos no desenho. As casas estão sobrepostas nas encostas das montanhas, as estradas tortuosas e pessoas em forma de palito parecem se mover. Durante o desenvolvimento de seu desenho ela fez algumas falas que é importante evidenciar, tais como *“eu não gosto muito de desenhar com lápis”* e *“posso desenhar um boneco palito”*. Ao ser questionada do por quê destas falas ela diz *“prefiro desenhar online. É mais fácil e fica direito”* e também *“eu desenho palito porque não sei desenhar pessoa”*. Diante da sua fala, percebe-se que ela se preocupa em representar o mais real possível, da maneira que vê e não mais o que conhece sobre o objeto.

Em contrapartida, o desenho de Pedro (Figura 11) , 12 anos, usa a mudança do ponto de vista para representar o telhado da casa ao mesmo tempo que o restante da casa é só vista de frente, característica comum do Realismo Intelectual. No mais, seu desenho apresenta também características do Realismo Visual, perceptível quando coloca a estrada, as pessoas de modo que os elementos começam a se coordenar e se aproximar da imagem real. Ele usa o distanciamento dos objetos, obedecendo a proporção dos objetos do primeiro plano com os do segundo (pessoa em relação aos carros).

Por fim, as figuras 10 e 11 nos mostram que não houve o empobrecimento por completo do desenho, como na visão adulta. Neste sentido, Luquet (1969) aponta que a medida que a criança avança em idade e permeia pelas fases ela não anula sua anterior em prol da

próxima, mas sim, dado o seu ritmo de desenvolvimento pode-se encontrar características de uma fase em outra até que estas se esgotem por completo. Ambas as crianças, não abandonam por completo a fase do Realismo Intelectual, mas também se encaminham dentro da fase do Realismo Visual, isto é perceptível pela preocupação com sua representação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou identificar as fases de representação do desenho segundo Luquet (1969), autor considerado pioneiro nos estudos relacionados ao desenho infantil. Permitiu evidenciar que o desenho, ao longo da história, configurou-se como meio de comunicação para expressar o pensamento, a vivência, e o conhecimento do ambiente ao qual a criança está inserida e as relações que se estabelece entre eles.

Por meio da coleta de dados e análise dos desenhos, constatou-se que a criança ao desenhar tece comentários acerca de seus traços, manifestando por vezes a sua intenção de representar. Bem como, ela manifesta a carga cognitiva e afetiva ao fazer conexão sobre o que conhece do objeto e o que este significa para ela. Desta forma, a medida que o desenho se modifica entende-se que simultaneamente há o desenvolvimento da criança em seus aspectos físico, cognitivo e emocional.

Diante disso, ressalta-se a importância do conhecimento acerca das fases de desenvolvimento do grafismo infantil para que se possa compreender o potencial comunicador que o desenho possui. Como futura professora, percebo que é importante observar o desenho da criança respeitando seus limites, suas falas e seu poder criador. E que o desenho de cada criança serve como indicador do que habita dentro dela.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **O teste do desenho, como instrumento de diagnóstico da personalidade** validade, técnica de aplicação e normas de interpretação. 17 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1987. 103 p.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 7, nº1, janeiro/junho 2023.– Curso de Pedagogia– UNESC

Scipicione Ltda, 1989. 239 p.

DI LEO, Joseph H. **A interpretação do desenho infantil**. Trad.: Marlene Neves Strey. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 218 p.

LUQUET, Georges-Henri. **O desenho infantil**. Trad: Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Ed. Minho, 1969.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? In:_____. GIL, Antonio Carlos **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2008. p. 41 – 56.

MÉREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. Trad. Alvaro Lorencini, Sandra M. Nitrini. – 12 ed. – São Paulo: Cultrix, 2017.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 182 p.

PINTO, Tales dos Santos. "O que é Idade Moderna?"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-idade-moderna.htm>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

_____. "O que é Idade Contemporânea?"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-idade-contemporanea.htm>. Acesso em 23 de setembro de 2022.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **Pedagogia do desenho infantil**. 2 ed. Campinas: Editora Alínea, 2007.

SILVA, Daniel Neves. "Idade Média"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/idade-media.htm>. Acesso em 20 de setembro de 2022.